

DO NIGER AO NEABI: TRAJETÓRIA DE UM GRUPO DE ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE

Beatriz Gonçalves de Lira¹

RESUMO

O presente artigo traz a discussão sobre a história de um grupo de estudos étnico-raciais dentro do IFCE/Campus Juazeiro do Norte. O Núcleo de Investigação de Grupos Étnico Raciais – NIGER surgiu em meados do ano de 2014 a partir de inquietações e discussões entre alunos e um professor do curso de Licenciatura em Educação Física a partir da pergunta “Onde está o negro no IFCE?”. Após iniciar as primeiras reflexões, resultou na criação do grupo trazendo à tona o cenário do racismo institucional, o qual não visualizava negros no interior do IFCE, tal grupo de estudo após quatro anos passou a compor o NEABI/Campus Juazeiro do Norte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de campo, utiliza-se de entrevista semiestruturada, sua população e amostra são os três membros fundadores do NIGER. Os principais autores que fundamentaram esse estudo foram: Guerra (2014); Gomes (2019); Cunha Junior (2013). Os resultados evidenciaram que a provocação a partir da plataforma responsável por quantificar e especificar os estudantes do IFCE em que, apontava que o número de estudantes negros na instituição não existia, com base nos dados encontrados, tal situação fez surgir pauta da temática étnico racial e sua importância na visibilidade dada aos negros e negras no campus, assim iniciando sua trajetória, que atualmente acumula muitos marcos históricos dentro da comunidade interna e externa.

Palavras-chave: NIGER, NEABI, Relações Étnico Raciais.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema central a discussão da história de um grupo de estudos étnico-raciais dentro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE/Campus Juazeiro do Norte e suas contribuições acerca da temática racial na região do Cariri Cearense.

O Núcleo de Investigação de Grupos Étnico Raciais – NIGER surgiu em meados do ano de 2014 a partir de inquietações e discussões entre alunos sobre “Onde está o negro no IFCE?”. Foram os estudantes Luciano Apolinário, Gonçalves Vicente, e o professor Luciano das Neves que iniciaram as primeiras reflexões que resultaram na criação do grupo no seguinte contexto: o racismo institucional não visualizava negros no interior do IFCE. Feita a provocação a partir da plataforma responsável por quantificar e especificar os estudantes do IFCE em que apontava que o número de estudantes negros na instituição não existia, com base nos dados encontrados,

¹ Mestranda no curso Mestrado Profissional em Educação/MPE – Universidade Regional do Cariri/URCA, Graduada em Licenciatura em Educação Física – IFCE/Campus Juazeiro do Norte. Email beatrizlira@hotmail.com

tal situação fez surgir a pauta racial e sua importância no sentido de dar visibilidade aos negros e negras no campus, assim iniciando assim a trajetória do grupo de estudos.

Minha chegada ao NÍGER em 2016 não foi por meio de editais, nem muito menos com convite especial na minha caixa de e-mail, aconteceu de forma natural, foi na simplicidade de uma boa conversa entre amigos que fui me sentindo pertencente daquele espaço, logo eu vi que a sala 32 não era só um lugar para repousar no intervalo, como alguns estudantes do campus a via, mas sim um espaço formativo que pudesse expressar minhas ideias, assim de maneira bem espontânea logo me senti parte daquele coletivo abraçando a luta antirracista para a vida. Hoje com consciência e letramento racial, entendo bem a conjuntura que se insere em algumas vivências minhas, de onde elas partem e a quem elas atingiram, portanto após reflexões cheguei à conclusão de que reproduzi racismo, passei por discriminações durante minha infância e adolescência. Vale ressaltar que eu enquanto uma mulher branca, não sofro racismo, embora meus traços negroides sejam alvo de discriminações, minha vulnerabilidade social não será racial, mas sim de gênero e classe.

Eu poderia dizer que sou membro do Núcleo de Estudo Afro-brasileiro e Indígena - NEABI - Campus Juazeiro do Norte, provavelmente muitos de vocês leitores saberia quase que automaticamente do que se trata esse grupo, porque o NEABI é um espaço institucional que existe em várias instituições de ensino superior, mas diferente de outros campuses no nosso já existia um grupo que antecede o NEABI, o NIGER, grupo que dá origem a ele.

Em 2017, o grupo entendeu a necessidade de institucionalizar-se inaugurando assim, o NEABI/Campus Juazeiro do Norte. Desde então, o NEABI tem ampliado os estudos sobre a cultura negra e indígena e em colaboração com eventos como Artefatos da Cultura Negra e com o Grupo de Valorização Negra do Cariri- GRUNEC, os quais já tinham vínculos com o NIGER.

O estudo justifica-se no anseio de deixar nossa história registrada, pois ao passar dos anos o NIGER/NEABI tem realizado muitas ações, tem sido um lugar de resistência e de luta antirracista, cuja história desperta a curiosidade do público que o visita, portanto se faz necessário o registro para que nossa memória seja preservada e as demais gerações de integrantes do grupo possam conhecer, se identificar e prosseguir a trajetória. A relevância da temática apresenta-se na promoção da educação para relações étnico-raciais, vem fomentar a discussão, articular ações referentes à diversidade e a proteção de direitos de pessoas e grupos étnicos atingidos por atos discriminatórios, a exemplo do racismo, através de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Mediante ao que foi exposto a problemática da pesquisa apresenta os seguintes questionamentos: Em qual contexto surgiu o NIGER? Quem faz parte? Qual sua finalidade?

Qual importância do grupo para a comunidade acadêmica? Desse modo o objetivo geral da pesquisa foi analisar a trajetória do NÍGER até o NEABI a partir dos depoimentos dos fundadores do grupo, para tanto os objetivos específicos foram: Compreender a importância do grupo dentro do IFCE/Campus Juazeiro do Norte, bem como identificar os impactos e significados que o grupo tem para comunidade.

METODOLOGIA

A metodologia foi caracterizada de natureza qualitativa, de campo, tipo descritivo. De acordo com Guerra (2014) na abordagem qualitativa, a cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Com o recorte temporal do ano 2014 a 2017, a escolha se deu devido a corresponder ao período de atividade exclusivamente do NÍGER até a sua institucionalização. A população da pesquisa foi composta por membros do NÍGER/NEABI Campus Juazeiro do Norte, teve como sua amostra membros fundadores do grupo. Para coleta de dados fez-se uso da entrevista semiestruturada com integrantes do grupo, bem como apreciação das informações contidas em arquivos fotográficos do grupo afim de enriquecer o relato. Os registros das entrevistas foram realizadas por meio da gravação de voz e transcrição posteriormente.

Através da abordagem afrodescendente iremos conduzir a pesquisa destacando os interesses da população negra na busca da superação de algumas problemáticas da população negra que surgirão nesta pesquisa. Segundo Cunha Junior (2013) tem seu interesse concentrado na intervenção da realidade e na transformação social, cultural, econômica e política das relações étnicas brasileira. Trata-se do processo da produção de conceitos e metodologias dentro de um projeto científico de expressão dos afrodescendentes com a finalidade de uma mudança das relações brasileiras, inscreve-se no âmbito dos movimentos sociais da maioria afrodescendentes, entretanto guarda a particularidade da procura da inspiração africana como conhecimento de base, visando à autonomia do pensamento dos afrodescendentes com relação à produção eurocêntrica ocidental.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) por sua vez trabalhada de forma coerente é uma grande chave de mudança na busca da justiça social e equidade racial na sociedade que vivemos. A lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, precisa estar presente em todos os seguimentos da educação, da creche ao ensino superior, nas instituições públicas e privadas. Vale salientar que ela não foi feita para ser aplicada exclusivamente para alunos negros, ela é parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), ou seja, a lei máxima da educação brasileira, logo ela precisa ser trabalhada de forma séria e ampliada para todos os públicos da educação brasileira.

Em 20 anos, a Lei 10.639/03, possibilitou marcos históricos na luta antirracista, contribuiu para o avanço da política educacional e social brasileira. Ela garante a inclusão dos diversos conteúdos das relações étnico raciais no currículo da escola, cujo currículo ele não se faz com projeto isolado, e sim com o trabalho no cotidiano escolar visando um calendário letivo que contemple a pauta racial do início até o último dia de aulas.

Após o advento da referida lei surgiu outros documentos que nos dar suporte para promoção de uma educação antirracista, a exemplo, o Parecer CNE/CP Nº 003/2004 (Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana.); Resolução CNE/CP Nº 01/2004 (Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana).

Nesse contexto grupos de estudos sobre as relações raciais vão surgindo para amplificar os estudos e as discussões sobre o tema, sem deixar de considerar toda a contribuição do movimento negro educador, cujos feitos não são de hoje. Gomes (2019) em seu livro “Movimento Negro Educador saberes construídos nas lutas por emancipação” tem como tese principal o papel do Movimento Negro brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil. Saberes transformados em reivindicações, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI.

Guimarães *et all* (2020) no artigo “Coletivos negros e novas identidades raciais”, analisa a formação de novas identidades negras no Brasil a partir da atuação de coletivos negros em três universidades públicas brasileiras. Os autores propõem hipóteses interpretativas sobre as estratégias, organização, perfis e discursos dos coletivos atuantes. Ressalta que uma das dimensões mais interessantes das últimas duas décadas é a entrada em cena de uma nova geração de estudantes negros, a qual ainda precisa ser investigada. Essa juventude — em sua

grande maioria egressa de escolas públicas, muitas vezes os primeiros a obter diploma universitário na família —, longe de negar sua origem social ou racial, diluindo-se em organizações estudantis clássicas ou buscando viver no anonimato, articulasse de forma autônoma no meio universitário.

Portanto, ter o lugar na academia para desenvolver o debate racial foi de suma importância à medida que a população negra que chega através das ações afirmativas se sintam cada vez mais pertencentes nessa comunidade acadêmica.

Considerando o que foi discorrido ao longo dessa seção podemos perceber esse fenômeno não aconteceu apenas do IFCE/Campus Juazeiro do Norte, entretanto são o compilado dessas várias trajetórias acadêmicas que chegamos a conquistas coletivas para educação antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

NIGER: a origem do grupo e o significado do seu nome

O desejo e o ensejo para criação do grupo de estudos parte das inquietações vinda de três homens negros inseridos no contexto da universidade pública, Luciano Carvalho, um professor do ensino superior, Luciano Dextape e Gonçalves Vicente, dois graduandos ainda nos anos iniciais do curso de licenciatura em Educação Física do IFCE/Campus Juazeiro do Norte.

Quando partimos do zero na construção de algo enfrentamos muitos desafios, na construção do grupo de estudos não seria diferente, tendo em vista que está em jogo várias fatores que vão envolver as camadas institucionais, que além da falta de recurso financeiro, há também falta de vontade política do enfrentamento ao racismo, que não acontece apenas com as discussões entre os alunos, também deve contar com toda estrutura que a universidade pode oferecer. Na entrevista Luciano Dextape revela como surgiu as primeiras discussões:

[...] era um momento assim de descobertas internas mesmo, nossas né, pronto, era hora de se encontrar mesmo, assim saber onde era que a gente estava, saber onde eu estava enquanto corpo de uma pessoa preta, acredito que o Gonçalves também e a gente ficava muito nessa né de entender onde é que nós estávamos, nós pretos, e onde é que nós enquanto indivíduos se encontrava nessa lógica toda aqui né do instituto. Eu já tinha a vivência do rap, da discussão no rap, mas não era nada tão aprofundado, Gonçalves tinha seu rolê na Capoeira e envolvimento do Levante e tal, e Luciano tinha a história de vida dele aqui né. [...] a gente se encontrava e nada tão assim “vamos fazer?”, era mais uma conversa. A gente se encontrava e trocava ideia aí teve um momento que Luciano chegou e apresentou um documento chamado ‘IF em números’ é, a partir desse documento a gente começou a trocar ideia sobre ele né, ainda assim sem ser sistematizado sem ser uma parada racionalizada, podemos dizer assim, então a gente começou a conversar com esse documento e tal e aí foi surgindo essa curiosidade né de onde estava essas pessoas.

Diante da fala do discente podemos destacar que a ocasião de estar na universidade oportunizou discussões sobre suas próprias existências, vale ressaltar que a universidade deve contribuir para a construção positiva da identidade negra, do combate ao racismo, tudo isso envolto na promoção uma educação para relações étnico raciais. Os protagonistas dessa história chegaram na universidade com uma bagagem de vivências das suas comunidades que por si só já era uma gama de conhecimento, mas que precisava ser aprofundado na academia.

O nome NIGER comunica de maneira bem direta a linha de estudo que mais evidencia a gênese do grupo de estudo, que esteve como elemento central para suas primeiras rodas de conversa a investigação de grupos étnicos raciais, mais precisamente a população negra, no interior do IFCE/Campus Juazeiro do Norte. O Prof. Luciano Carvalho comenta:

[...]quando decidimos definir o nome apareceu um monte de nome aí chegou o Luciano Dextape com uma proposta de nome ‘Vai chamar NIGER!’ aí eu falei ‘Niger? De Nigéria?’ fiquei pensando um monte de coisa assim... ‘O que significa?’, ele respondeu ‘é núcleo de investigação de grupos étnico raciais – NIGER, tá batizado!’. De lá pra cá a gente nunca perdeu essa identidade original de NIGER[...].

Luciano Dextape revela a inspiração para a criação do nome:

[...]ainda nesse rolê de investigar né, aí por isso que não ficou de cara grupo de pesquisa, pensei nesse nome a partir do rolê da investigação, ocupando esse espaço da investigação, bem detetive, uma sacada meio que quase romance policial (risos) saber onde é que tava esses corpos né que estavam desaparecendo e aí surgiu essa ideia de fazer essa investigação, já a partir daí o nome especificamente o núcleo né, o núcleo de investigação nesse sentido mesmo policial, núcleo de investigação de grupos étnicos raciais, assim surgiu o NIGER”.

Observamos que a escolha do nome ocorre de forma criativa, outro ponto que se torna interessante que mesmo que não seja intencional, o nome do grupo é o mesmo nome de um país localizado na porção centro-oeste do continente africano, o que causa também uma identificação maior com a população negra, digamos que é o nosso pedacinho de África.

Após a escolha do nome, eles precisavam de um espaço oficial para se reunir, para realizar as ações, pois os encontros aconteciam na informalidade debaixo das árvores ao lado da quadra de vôlei ou em frente ao auditório Kariris. Luciano Carvalho faz uma reflexão sobre esses momentos “eram espaços mais abertos parecendo um pouco com aquela ideia das rodas de conversas africanas né. O negro mais antigo, o griô, e os seus pupilos escutando essa conversa né. Uma desses nossos passeios pelo campus a gente viu a possibilidade, um local fixo, uma sala, para nos reunirmos”.

Conseguiram, tudo conquistado com esmero. Em um passeio pelo campus encontraram uma sala que funcionava um depósito de entulho e a ocuparam.

Luciano Carvalho - Eu observava que os outros professores têm seu grupo de estudo, sua sala de pesquisa, então vamos abrir também uma sala de pesquisa, um grupo de estudo vamos arriscar ter uma sala de pesquisa para gente discutir as relações étnicos

raciais, eu já era militante do movimento negro, membro fundador do GRUNEC², então já fazia parte de outros movimentos na época antes de vir para cá. Passando aqui no corredor do bloco D, eu vi que essa sala, aqui era um depósito de entulho, tinha muita carteira velha. Vamos fazer parceria com o pessoal da manutenção pedir para eles desocuparem essa sala e vamos nos reunir aqui toda semana. Começamos a fazer a limpeza, passamos mais de uma semana tirando carteira velha, era até o teto parece que tudo que não prestava nas outras salas traziam para cá como depósito, fizemos a parceria e ficamos a semana inteira tirando troço daqui, depois que tiramos tudo percebemos que as paredes estavam sujas botamos a mão na massa, pintamos as paredes e assumimos a posse. Ocupamos o espaço, esse vai ser nosso espaço de resistência e assim adotamos como sendo nosso quilombo. [...] quando a limpava a sala passou uma professora por aqui que “legal essa sala” e ela foi lá na direção do campus se falou é “seu diretor eu vou precisar daquela sala que o Luciano está limpando junto com os meninos que eu vou precisar para fazer meu grupo de estudos” com essas palavras e quando eu fiquei sabendo disso voltei lá “Pode ficar com a sala, mas vou te dizer o seguinte vou precisar de uma sala maior, melhor e mais equipada, porque estamos instalando o núcleo de discussões étnicos raciais para se cumprir a lei 10.639/03 e se você não me ofertar essa sala mais equipada eu vou lá no ministério público denunciar vocês pelo não cumprimento da lei” no outro dia o diretor me chama na sala e diz ‘Luciano você pode ficar com a sala, porque a professora resolver não mais montar o grupo de pesquisa dela’. Hoje essa professora é uma grande parceira nossa, não sei o que aconteceu, mas deu uma virada de chave na cabeça dela que ela se tornou hoje uma grande parceira dessa luta antirracista dentro do campus, grande ativista do movimento negro. É uma pessoa temos um afeto, um carinho muito grande, mas precisou dar uma viradinha de chave para que ela pudesse entender que o local tinha que ser esse.

No depoimento vemos que foi muito forte a luta para conquistar um espaço para desenvolver a discussão, em complemento Luciano Dextape aponta o quão é pertinente a vontade política prevalecer para que a ocupação fosse validada.

Luciano Dextape - ainda não sabia nos termos burocráticos para ter essa sala porque não existia o grupo completo, precisava de professores, tinha que ter um registro no sistema aí aqui eu falo isso porque eu gosto de fazer uma ressalva o quão é importante quando se tem o mínimo de vontade política envolvida, tá ligado? Porque a gente tinha um milhão de burocracias para fazer, mas aí foi na sala do diretor “quero saber como a gente faz para pegar e usar a sala, a sala está lá e não tem nada acontecendo e a gente quer fazer um grupo de estudo lá” aí ele pegou um guardanapo, literalmente um guardanapo, queria ter guardado o guardanapo, pegou lá da mesa assinou o nome dele e disse vá com fulano e pegue a chave, simples assim, tá ligado? a gente foi lá pegou a chave com fulano, abriu e começou a limpar o lixo. Colocamos o lixo para fora, literalmente tá, não existe outra palavra, era lixo, colocando o lixo para fora, conseguimos deixar uma sala minimamente respirável.

Na gênese do NIGER tivemos apenas homens, mas logo esse cenário mudou com a chegada das mulheres ao grupo, a primeira delas foi Taynara Domingos, como afirma Luciano Dextape:

“Foi acontecendo, Luciano foi trazendo gente, trouxe a Taynara, a primeira mulher do grupo, com as questões dela de mulher preta, mas era aquele tema, mulher né, e naquela época a gente não tava dando de conta nem do nosso rolê quem dirá do rolê

² Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) é uma entidade sem fins lucrativos fundada em 2001. Desde sua criação o grupo vem mobilizando ações que promovem a autoafirmação da identidade negra na região do Cariri cearense. Atuações como essa incluem o mapeamento das comunidades negras e quilombolas no Cariri/CE, onde o grupo criou projetos voltados para a reconstrução/orgulho da identidade negra, como também, o projeto da educação quilombola.



das minas, mas depois foi chegando mais, veio Yasmine... Fomos desenvolvendo nossas ações do nosso jeito [...] A partir dali a gente já tinha a percepção de construção de grupo, tá ligada? Veio Yasmine e Iara, vocês começaram a colar e a partir daí vocês já fazem parte da história”

No que diz respeito a composição do grupo, em sua maioria, alunos negros do campus, mas obtivemos também a presença de alguns alunos não negros que somaram a discussão, já os professores do campus continuaram distantes, ficando apenas cargo do professor Luciano Carvalho gerir os estudos ao corpo discente. Na fala do professor Luciano menciona quem eram esses alunos:

Luciano Carvalho - No primeiro momento quem participava do NIGER era o Gonçalves Vicente, Luciano Dextape, e eu. Como passar do tempo foram chegando outras pessoas Taynara, Yasmine, Yara, alunas do ensino médio. Beatriz, Andreza, Aline, Cleo alunas da graduação. Foram participando muita gente dessa discussão do NIGER, o que foi muito interessante.

Já como o grupo consolidado muitos significados foram atribuídos ao NIGER pelos integrantes ressaltando a sua importância para comunidade interna e externa. Destacamos a fala da membra Taynara como um retrato da transformação que um processo educativo antirracista pode ocasionar no seu público:

Taynara Domingos - Se eu pudesse resumir em uma palavra, ela seria transformação. Pois, o Níger foi um fator fundamental para construção da mulher negra que sou hoje, lá em me transformei em todos os sentidos, desde se reconhecer como preta, e não como parda ou morena, até fatores de comunidade, ou seja, foi algo que modificou de dentro para fora. E também a questão de perspectiva de vida de saber que eu posso ocupar os espaços que almejo, mesmo que em muitas vezes tendo que criar as oportunidades.

Chegada do NEABI ao IFCE/Campus Juazeiro do Norte

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) possui Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI's) em seus campus. Nos campi do Ceará, ele nasce a partir de 2017 com a Resolução nº 071 que aprova o regimento interno e orienta para a implantação e fortalecimento dos Núcleos (IFCE, 2017).

Os NEABIs têm como missão sistematizar, produzir e difundir conhecimentos, fazeres e saberes que contribuam para a promoção da equidade racial e dos Direitos Humanos, tendo como perspectiva a superação do racismo e de outras formas de discriminações, ampliação e consolidação da cidadania e dos direitos das populações negras e indígenas no Brasil, no Ceará e, em particular, no Instituto Federal do Ceará.

O objetivo dos NEABIs é desenvolver programas e projetos em temas sobre relações étnico-raciais em diversas áreas do conhecimento numa ação integrada e articulada entre ensino, pesquisa, extensão e assuntos estudantis. Eles também promovem encontros de reflexão e capacitação para o conhecimento e a valorização da história dos povos africanos, da cultura afro-brasileira, da cultura indígena e da diversidade na construção histórica, cultural e social do país³.

Podemos observar que o NEABI tem uma proposta parecida do que já havia sido realizado pelo NIGER no campus Juazeiro do Norte em relação a pauta da negritude, com a diferença que o NEABI propõe tratar também a pauta indígena, o que o grupo antecessor não dispunha. Apesar de algumas semelhanças a chegada do NEABI ao campus Juazeiro do Norte pegou todos de surpresa, podemos confirmar através do relato dos membros entrevistados ao serem indagados como reagiram a notícia da implementação do NEABI.

Luciano Dextape - Uma droga, tá ligada que não ia ser uma fusão né, seria um apagamento de uma parada para colocar uma outra de uma agenda que não era nossa. Não era uma agenda nossa quando digo dos pretos, é uma agenda do estado né, [...] essa história é boa que se conte que tinha chegado documentos aqui, de convites para Luciano do NEABI das primeiras formações né, que sequer foram entregues viemos descobrir depois [...] chegaram para a instituição e não foi passado pro cara que era o único ali que estava bancando a discussão, não chegou nele, ele descobriu bem depois disso. Já vinha a cobrança de longe para a formação do NEABI, quando chegou aqui, pronto vai chegar o Neabi, aí todo mundo do grupo achou massa porque se certa forma era um avanço, mas a gente sabia que não era um rolê nosso, tá ligado? Mas a gente queria também, sabia que a partir desse negócio facilitaria também para a gente conseguir capitalizar a discussão, porque a partir do momento que existe uma parada institucional a gente consegue acessar, deve existir algum recurso, aí consegue acessar 'uma grana' para a gente fazer nossas coisas, ir aos congressos, as pesquisas. [...] Por aí veio a grande sacada, a gente vai, mas isso aqui não vai deixar de existir não doido, tá ligado? Aí está lá na porta até hoje Níger/Neabi não sei se vai prevalecer né, mas é exatamente fruto dessa parada e não abrir mão, iguais os MC's que não abrem mão do seu nome. Isso ideia de Joquebede a gente abraça o Neabi, porque com ele a gente tem o poder institucional, mas o Níger vai dar liberdade de tocar o terror sempre que for necessário, não sei se tocam, a geração nova, mas sempre que for necessário né dialogar fora desse escopo do institucional o Níger vai estar lá e vai ser essa reserva, o guardião da parada. A gente tem o melhor dos dois mundos né, a Liberdade institucional enquanto NIGER de poder pleitear nos planos com autonomia e a conveniência do ter o Neabi de fazer se essa construção mesmo institucional tá ligado? Que no final das contas é onde as coisas precisam ser mudadas, tá ligada?

Luciano Carvalho - Quando soubemos dessa história da chegada é, da criação dos NEABI né, foi muito traumático né, então a gente aqui reuniu o pessoal todo preocupados [...] a gente pode pensar que o campus cria o NEABI e a gente fica com o grupo paralelo, a gente vai ter o nosso NIGER, como sempre teve'. Conversa vai e conversa vem, a gente ficou preocupado com uma questão 'pô se dai a pouco o NEABI receber recurso, nós vamos ser o primo pobre né, porque fomos o primeiro, mas como não estamos institucionalizados eles não vão enviar recursos para a gente. O que é que a gente faz Luciano?'. Em uma das nossas reuniões a gente decidiu podem até criar NEABI, mas nunca vamos perder a identidade de Níger então se quiser criar o neabi ele vai ser um outro nome, nosso primeiro nome vai ser sempre NIGER.

³ [IFCE](<https://ifce.edu.br/proext/neabis>)

Institucionalizou NEABI aqui, mas não perdendo a identidade de NIGER, então sempre foi NIGER. Tenho quase certeza que é o único do estado que tem nome e sobrenome que é NIGER/NEABI Juazeiro do Norte. [...] Hoje somos institucionalizados como esta grande política, mas a gente continua sendo o eterno Níger de muitas lutas, de muitas conquistas, muitas vitórias em relação luta antirracista aqui dentro do campus.

Taynara Domingos - De início estranhei, pois como era algo que ia institucionalizar e burocratizar nosso refúgio, digo refúgio pois até 2016 o senso do IFCE Juazeiro constava que não existia negros na instituição, então era nosso refúgio. Voltando, acreditei no início que perdeu a característica do grupo, mas por outro lado podemos conhecer o mundo acadêmico e saber que esse é o nosso lugar, só que depois de um tempo vir que o Níger assim como eu se transformou em um núcleo com mais voz, mais resistente a partir de nossas pesquisas. E hoje entendo também que o Níger sou eu, é o Luciano o Gonçalves o Dex e entre outros que fizeram parte desse refúgio, e é a partir disso que hoje sempre que me reúno com os meus para falamos sobre nós, para jogamos mancala, para ouvir um som de preto eu chamo aquele momento de Níger. Então, gratidão a todos as pessoas que contribuíram e contribui com o Níger/neabi

Diante dos relatos dos membros percebemos todas as inquietações que a notícia provocou no grupo. Após muitas lutas e conquistas por espaço, em 2017 o NIGER já existia há três anos, apesar das condições precárias de funcionamento da sala como: não ter oferta de computadores, impressora e cadeiras confortáveis, o grupo já estava consolidado no campus, alcançando respeito dos alunos no trato das relações raciais.

Imagem da Porta da sala 32



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Com a chegada do NEABI houve melhorias para a sala movidas pela coordenação junto aos departamentos responsáveis. A visibilidade do grupo aumentou a nível nacional, viabilizando recursos para participação dos membros em eventos acadêmicos. Com o afastamentos do Prof.º Luciano para o mestrado em 2018 outras professoras negras recém-chegadas ao campus foram assumindo a coordenação assim contribuindo para continuidade das ações de pesquisa e extensão do núcleo.

Por fim, ressaltamos o mesmo desejo lá do início da escrita que nossa história não seja apagada ou esquecida, que a nova geração do NEABI conheça um pouco da nossa história que

infelizmente não cabe em sua totalidade nesse ensaio, pois existe um limite de páginas na normas de publicação. Entretanto que desperte a curiosidade de buscar por mais relatos vindos da existência do NIGER/NEABI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolhemos falar sobre a trajetória de um grupo de pesquisa sob a perspectiva de quem compreende o papel central destes espaços no ambiente acadêmico. A proposta, longe de pretender ser um mero registro, haja vista que o texto tem autoria de uma pesquisadora vinculada ao núcleo, foi de construção de memória e contribuição à parte de uma história institucional mais ampla.

Em virtude da limitação de páginas que este congresso impunha, o ensaio reuniu resumidamente alguns marcos da trajetória do NIGER. Com 3 anos de existência e atualmente somando com mais 5 anos de Neabi tivemos como desdobramento em projetos de pesquisa e extensão que foram produzidas pelos estudantes associados, além de artigos, monografias concebidas pelos discentes da Licenciatura em Educação Física que concluíram seus cursos em meados de 2019 à 2021, bem como a dissertação da autora desse ensaio que em breve estará no repositório da Universidade Regional do Cariri. Feitos como este destacam a relevância das discussões iniciadas no NIGER que vão tomando proporcionais que não foram imaginadas inicialmente, mas percebendo que educação abre caminhos.

O modelo de trabalho construído por nós possui a capacidade de tangenciar temas centrais tanto para o debate público, quanto para áreas consolidadas no meio acadêmico, com uma escrita diversa, objetiva e acessível, com ações cotidianas em prol de uma educação antirracista. Para trabalhos futuros sugerimos um recorte histórico a partir do início do Neabi até os tempos atuais visando publicizar a continuidade desse trabalho extensão e pesquisa, bem como relatos de experiências de vivências realizados por intermédio do grupo.

Concluimos que as discussões realizadas pelo NIGER impactaram de forma positiva na comunidade interna e externa. As ações de estudos, pesquisa e extensão foram capazes de contribuir com o fazer docente, provocando mudança de perspectiva de vida, essas e outros elementos refletem no desenvolvimento profissional.

REFERÊNCIAS



BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 003, de 10 de março de 2004a. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de maio de 2004 a.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 01, de 17 de junho de 2004b. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004b, seção 1, p. 11.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 0058, de 18 de fevereiro de 2004c. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de março de 2004c.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 07, de 31 de março de 2004d. Diário Oficial da União, Brasília, 05 de abril de 2004d, seção 1, p. 18.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Afrodescendência e Africanidades: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. **Interfaces de Saberes** (FAFICA. Online). v. 1, p. 14- 24, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte. Grupo Anima Educação.2014

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A.; RIOS, Flávia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e novas identidades raciais. *Novos estudos CEBRAP*, v. 39, p. 309-327, 2020.

Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas. <https://ifce.edu.br/proext/neabis>.

NEABI — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE. https://ifce.edu.br/tiangua/campus_tiangua/neabi.

_____Home — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE. <https://ifce.edu.br/aracati/colecoes/neabi>.

IFCE. Resolução nº 071, de 31 de julho de 2017. Regimento Interno dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Instituto Federal do Ceará. Fortaleza: Conselho Superior, 2017. Disponível em <https://ifce.edu.br/proext/acessibilidade/arquivos/071-17-aprova-o-regimento-interno-neabi.pdf>.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, p. 445-456, 2010.